

Caro leitor,

Estamos apresentando a edição 77 da nossa revista *Arte & Crítica*, que reúne edições com os desafios da arte no Brasil e no mundo em uma luta coletiva dos artistas e críticos. Um movimento que integra a história de 77 anos da história da Associação Brasileira de Críticos de Arte.

Abrimos a edição com duas boas novas que resultam dos desafios desta história. Neste início de 2026, a presidente da ABCA, Alessandra Simões Paiva, anuncia o Protocolo de Intenções entre a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e a Fundação Memorial da América Latina, documento assinado por ela e pelo presidente do Memorial, Pedro Mastrobuono. E ressalta que a iniciativa “representa um passo importante no processo de reposicionamento da crítica de arte brasileira em diálogo com o espaço público e com o pensamento cultural latino-americano”.

Outra boa nova é a repercussão da nossa revista *Arte & Crítica*. Graças à participação de todos os autores – associados e convidados especiais –, tem sido avaliada como uma das principais revistas de arte do País. E, também, recebendo a recente avaliação Capes para as revistas acadêmicas dedicadas à área de Artes. Importante ressaltar que o nosso Conselho Editorial é integrado por professores, críticos e artistas de universidades de todo o País e também do exterior. Neste ano, passou da nota C2 para a B2 no Qualis Capes e tem sido muito respeitada. O resultado está na contribuição pontual de críticos nacionais e internacionais.

Nesta edição, o uruguaio Daniel Benoit Cassou comenta sobre a Bienal de Cuenca, que celebrou seu 40º aniversário com sua 17ª edição Bienal, inaugurada em 25 de outubro de 2025 e apresentada até 1º de fevereiro de 2026. Também Rui Gonçalves Cepeda, português que vive e trabalha no Reino Unido, escreve sobre a exposição “Brasil! Brasil! The Birth of Modernism”, que reuniu 130 obras de artistas brasileiros na Royal Academy of Arts, em Londres.

Vale destacar também a reflexão da crítica paulistana Alecsandra Matias de Oliveira sobre a presença de artistas brasileiros nos eventos que antecedem a Bienal de Dakar, suas participações nas edições do evento pós-2000 e suas práticas no continente africano. Também o artigo de Victor T. Murari analisa a “transformação do juízo crítico na arte contemporânea sob a consolidação de regimes algoritmos de mediação cultural”.

Em “Modulações pictóricas: Rony Bellinho, um pintor do “Cs0”, Larissa Rezino aproxima o conceito de Corpo sem Órgãos, de Deleuze e Guattari, da pintura de Rony Bellinho. A autora utiliza a ideia de modulação, a partir de *Lógica da Sensação*, para analisar dinâmicas visuais e sensoriais, e propõe novos usos do conceito ao articular teoria filosófica e prática artística.

Franciele Favero, em “Viagem à Aurora do Mundo: as ecologias de Celaine Refosco”, analisa o processo curatorial em diálogo com a obra de Celaine Refosco, destacando as ecologias do viver e a beleza como formas de resistência, tendo a aurora como metáfora de renovação.

O artigo de Zuzana Paternostro e Thiago Paes Wang, “Quem são essas mulheres?”, examina o apagamento da identidade feminina na História da Arte tradicional com base em abordagem sociológica de obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, evidenciando tensões entre visibilidade e invisibilidade. Por fim, propõe uma revisão historiográfica que valorize a presença das mulheres.

Em “Arte e decolonização algorítmica”, Lilian Cristina Monteiro França, editora de Arte e Tecnologia da nossa revista, analisa a criptoarte como forma de resistência à colonização algorítmica, discutindo a dominação por meio da captura de dados, dialogando com o pensamento pós-colonial.

Sandra Makowiecky e Beatriz Goudard, em “Céu e Terra dos Andes”, apresentam a exposição no Instituto Collaço Paulo em mostra que reúne cerca de 40 obras da Coleção Collaço Paulo. São pinturas, objetos e registros da arte andina, evidenciando sua diversidade material e simbólica, propondo uma imersão na riqueza espiritual e técnica da arte latino-americana.

Maria Amélia Bulhões, em “Naturezas Desviantes: uma poética contracolonial de Giselle Beiguelman”, analisa a exposição no MARGS sob perspectiva contracolonial. A mostra problematiza preconceitos e dominação nas ciências botânicas, vinculando-os ao legado colonial, destacando o uso de inteligência artificial e a postura crítica da artista diante das tecnologias.

O artigo de Francela Carrera observa e comenta a exposição “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, destacando a proposta curatorial que apresenta o têxtil como linguagem

artística e simbólica (SESC-Tijuca, RJ), na experimentação estética de artistas contemporâneas, ressaltando em sua análise a dimensão da resistência sociocultural.

O crítico Carlos Perktold homenageia Guignard na passagem dos seus 130 anos, retomando a biografia sobre o artista de autoria de Marcelo Bortoloti (*Anjo Mutilado*) e comentando o autorretrato do pintor com que ilustra seu texto.

Annateresa Fabris discorre sobre o livro de artista de Sophie Calle, *Histórias Reais*, apresentado nesta segunda edição em português, em 2025. Fabris analisa, nas narrativas verbo-visuais da artista, seus relatos e o jogo entre realidade e ficção.

Uma entrevista com Claudinei Roberto da Silva, concedida ao crítico Alexandre Araujo Bispo, oferece ao leitor uma oportunidade de aproximação à trajetória do entrevistado, em sua experiência como artista, curador e docente na universidade, além do seu trabalho no educativo do Museu Afro Brasileiro. A edição 77 se encerra lembrando a proximidade da premiação anual da ABCA. E traz a “memória” dos troféus e seus criadores, que marcaram este evento ao longo do tempo, desde 1978, quando a Associação Brasileira de Críticos de Arte instituiu a sistemática de premiar artistas e, mais tarde, críticos, personalidades e instituições. Um reconhecimento importante para os que vivem os desafios do cotidiano das artes visuais.

*Leila Kiyomura, Lisbeth Rebollo Gonçalves
e Sandra Makowiecky*
Coordenação Editorial